



Director literario:

Acquiescente
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarezollata
PAPUSSE

Zé Banaboia, borracho



Zé Banaboia, borracho,
Já com a cabeça em brasa,
Vai a caminho de casa,
Com mais vinho do que um cacho.



Com a bebedeira, a vista
Tem invenções muito suas:
Pois caminhando nas ruas
Casas, com pernas, avista.



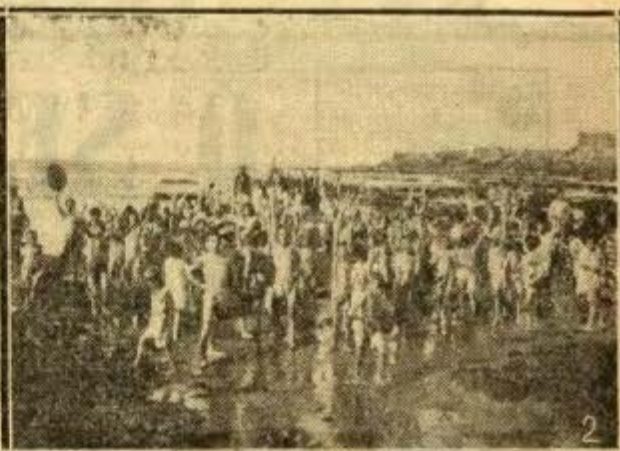
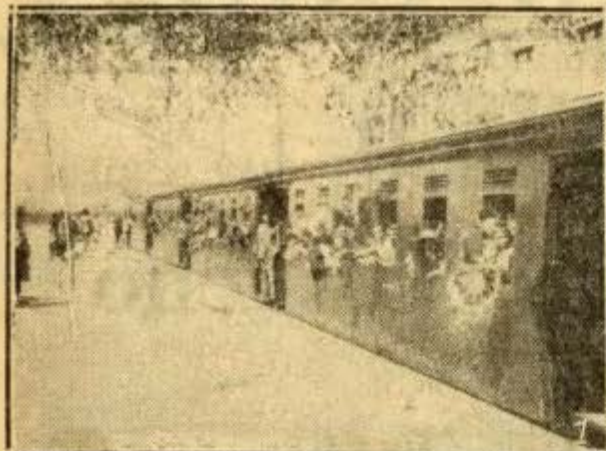
Zé Banaboia, um achado
Tem logo, pois não as corta;
Pega na chave da porta,
E põe o braço espetado.



Como um policia o achasse
Á muito parado, ali,
Pergunta: — Que faz aqui? —
— Espero que a casa passe! —

INICIATIVAS DO «SECULO»

A FAVOR DOS HOMENS DE AMANHÃ

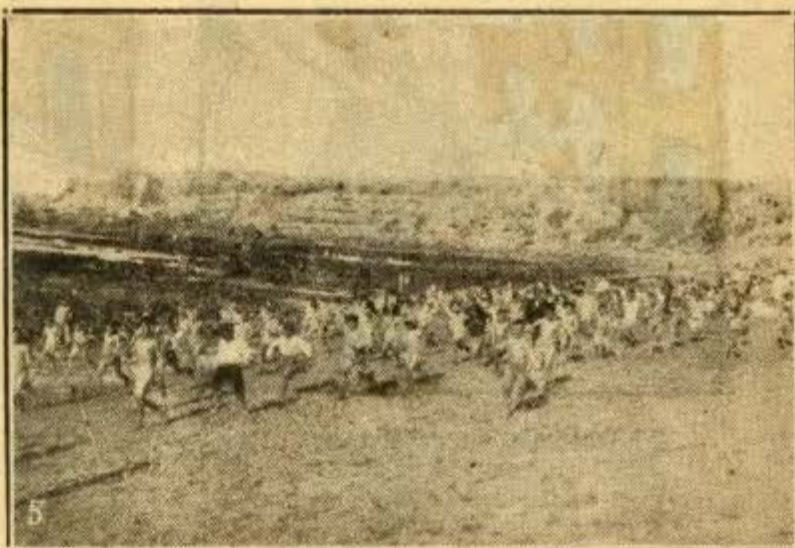


COLONIA INFANTIL DE S. PEDRO DO ESTORIL

1—A partida das crianças da estação do Cais do Sodré.

3—Na colonia. As crianças aclamando *O Seculo*.

2, 4 e 5—Três aspectos das crianças brincando na praia.



Esperança

POR FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

Levaram Jorge novamente para o gabinete do director, que disse:

— Aqui é que se realizará uma das curas mais interessantes a que tenho assistido.

«Mas primeiro, diga-me, como se chama o senhor, o seu pai e a sua mãe;

— Meu pai é André Soares, eu Jorge Soares. Em Portugal está minha mãe, que se chama Isabel Soares.

«Como é natural, Jorge estava comovidíssimo.

Iria enfim vêr seu pai? Conseguir-se-ia curá-lo? E se esse homem não fôsse seu pai?

Quando este pensamento lhe atravessou a mente, Jorge sorriu-se.

E' verdade que, vendo bem, ele não tinha prova alguma de que esse homem fôsse seu pai, mas tinha essa esperança inabalável, que lhe afirmava que sim.

Neste momento entrava a enfermeira que o médico chamára.

— Vá-me chamar o doente, número vinte e oito. Momentos depois aparecia novamente a enfermeira.

— Está aqui sr. doutor?

— Bem, disse este para Jorge, esconda-se aí em qualquer canto, e apareça só quando eu lhe disser.

«Traga o doente, menina.

Entrou.

Era um homem alto, forte, o rosto, agora vincado pelas rugas da sofrimento, conservava ainda, apesar de triste e abatido, um pouco da sua energia.

Descobria-se nêle o tipo do marinheiro, habituado a lidar com os caprichos da Natureza, e que, vencido um dia por esta, perdêra a altivez com que encarava o perigo.

Os seus olhos, que haviam perdido o brilho da razão, iam-o retomando pouco a pouco, devido aos cuidados do director do estabelecimento.

No entanto, se se não dêsse um milagre, um acto qualquer que o comovesse e lhe desse de chôfre uma grande alegria, esse brilho não chegaria jámais a sêr completo.

O director, pegou-lhe numa mão e fê-lo sentar numa cadeira.

Olhando então fixamente para êle disse intencionalmente:

— Que me diz, meu amigo: «Neptuno» hoje, será ou não propicio à navegação?

Ao ouvir a palavra «Neptuno», levantou-se como que impellido por uma mola, e exclamou:

— Sim, sim. «Neptuno» é o nome do meu barco. Dêem-me, quero-o.

O doutor socegou-o, e depois continuou:

— Para que quer o seu barco? Para se ir embora de Portugal?

— Portugal... Portugal..., murmurou êle, como num sonho.

— Então o sr. não pensa na sua mulher e no seu filho, que deixará se se fôr embora?

Novamente o doente se levantou exclamando:

— Sim, sim! Eu tenho uma mulher e um filho! Tragamos! Oh! Tragamos que os quero vêr!

— Está bem. Eu vou buscar-lhos. Mas primeiro há-de dizer-me o seu nome.

Viu-se que êle fazia um esforço incrível para se recordar. Grossas bâtegas de suor lhe cercavam a fronte, e deixou-se cair na cadeira extenuado.

Vendo que êle não conseguia lembrar-se, o médico disse:

— Então sr. Soares? Não nos quer dizer o seu nome?

— Soares! É isso, é! Soares! Soares!... sim, sim... André... André Soares! Lembro-me! exclamou êle.

«O meu nome é André Soares.

«Traga-me agora o meu filho, visto que mo prometeu.

— Mas primeiro há-de dizer-me como se chama êle.

— Ele... êle... êle chama-se Jorge!

— Bem, está bem. Sr. Jorge venha cá. Abrace seu pai. Jorge saiu precipitadamente do seu esconderijo e lançou-se, chorando, nos braços do pai.

Este agarrou-o pelos braços, afastou-o um pouco para o fixar melhor, e depois voltou logo a estreitá-lo de encontro ao coração, dizendo:

— Sim, sim! Tu és o meu filho, o meu Jorge!

«O meu filho, que eu deixei em Lisboa com minha mulher, para vir à pesca do bacalhau, à Terra-Nova. Mas por meu mal, naufraguei... espera... ninguem me tirou o barco, foi êle que se afundou. E eu fiquei só naquela ilha maldita.

Sim, sim! Esta é a verdade, e eu, lembro-me de tudo.

Dois meses depois, numa elegante casinha, duma das ruas mais elegantes de Lisboa, encontravam-se três pessoas: Jorge Soares, André Soares e D. Isabel Soares. Ao ver o seu marido, que julgou perdido para sempre, a boa senhora teve uma grande comoção, e julgou morrer de alegria.

Mas as alegrias não matam, e D. Isabel, já socegada, ia agora ouvir da boca de seu marido a narrativa dos desgostos por que passara.

— «Quando o «Neptuno» naufragou, dizia este, senti que perdia os sentidos e embora tivesse resolvido morrer com o meu barco, como não estava no meu estado normal, agarrei-me desesperadamente a qualquer cousa de madeira, que não posso dizer o que fôsse.

«Perdi os sentidos, como disse, e quando voltei a mim achei-me encostado a dois rochedos».

«Na minha frente havia um grupo de rochedos pelos quais era fácil subir».

Subi e fui ter a um sítio, com o qual a Natureza foi bastante pródiga, pois não me lembro de ter visto, até hoje, sítio mais aprazível.

«Encontrei lá muitas árvores de frutos, que me garantiam o alimento. Arranjet uma pequena gruta, onde passava os dias, e quando saía não me dirigia nunca para o lado onde o «Neptuno» tinha naufragado, porque estava certo de que não poderia contemplar aquelas águas sem sentir uma dor tão grande pelo meu barco, que me fizesse pensar no suicídio. Para evitar isso, resolvi pois, não ir mais áquela parte da ilha.

Conclui no proximo numero

Um certo dia, o filho do rei resolveu dar, no seu palácio, um grande baile. Todas as senhoras ricas da cidade foram convidadas, e, entre elas, a madrasta e as duas irmãs da *Gata Borralheira*. Muito vaidosas e contentes, não pensavam senão na sumptuosa festa do palácio real, gastando os dias a pensar nos vestidos e enfeites que haviam de levar.

Na noite do baile, as outras perguntaram-lhe a rir, se queria ir também...

—Estais a troçar comigo,—respondeu com tristeza a menina.—Posso lá pensar em dançar com o filho do rei!...

—Tens razão,—diziam as duas irmãs.—Até havia de ter graça, a *Gata Borralheira* num baile, a dançar!...

E, á hora da partida, ela acompanhou-as até ao coche, que lá se foi a caminho do palácio, a guisalhar, enquanto a *Gata Borralheira* recolhia tristemente ao seu canto, entre as cinzas da lareira...

—Valha-me a Fada minha Madrinha!—suspирou ela,—

bora e transformou-as em seis creados de libré, que imediatamente saltaram para traz do coche, muito senhores do seu papel...

—«Bem. Já podes agora ir ao baile», disse a fada.

—«O quê?! Com esta roupa?»—respondeu a *Gata Borralheira*, olhando com tristeza para o seu pobre vestido.

A boa fada sorriu e tocando-lhe também com a vara, mudou-lhe o vestido ríto num outro de sêda branca, guarnecido caprichosamente a rendas finas e pedrarias scintilantes.

Os seus delicados e pequenos pésinhos nus estavam agora calçados de transparentes meias de sêda e dentro duns formosos sapatinhos de cristal.

—«Agora, sim, *Gata Borralheira*, agora podes ir; mas ouve! Se lá permaneces além da meia noite, o teu coche será transformado em abóbora, o teu cocheiro numa ratazana, os cavalos em ratos e os creados em rãs, enquanto tu própria voltarás a ser a pequena *Gata Borralheira*, como ainda há pouco!»



num soluço tão fundo, que parecia quebrar-lhe o coração. E logo, ao pé dela, uma voz, muito meiga, dizia:

—Porque chamas por mim, querida afilhadinha?

Voltando-se de repente, deu de cara com uma velhinha, de aspecto bondoso e insinuante, que era, nem mais nem menos, do que a boa Fada, sua Madrinha.

—Oh! Eu queria... eu queria...—soluçou a *Gata Borralheira*.

—Bem sei! Queres também ir ao baile, não é verdade?

Emudecida pelo pranto, a pequena só lhe pôde dizer com a cabeça, que sim.

—Pois bem! Não chores... Sê sempre boa menina e irás! Mas, antes, vai a correr á horta e traz-me a maior abóbora que encontrares.

A *Gata Borralheira* não compreendia o que tinha a abóbora com o baile, mas, como era boa menina, obedeceu. A Fada pegou na abóbora, e, fazendo-lhe um corte, extraiu tudo o que ela tinha dentro. Depois, bateu-lhe ao de leve com a varinha de condão, transformando-a num lindo coche dourado, forrado a setim cõr de rosa.

—Agora, traz-me da dispensa a ratoeira.

A pequena trouxe-lha, com seis gordos ratos dentro. A Fada levantou cuidadosamente a porta, e, em cada rato que saía, tocava com a vara, transformando-o num belo cavalo preto.

—De que havemos agora de fazer um cocheiro, querida afilhada?

A *Gata Borralheira* lembrou que tinha visto uma grande ratazana prêta, noutra ratoeira, e que talvez servisse.

Foi buscá-la e outra vez a Madrinha bateu com a vara, fazendo da ratazana um elegante cocheiro. Em seguida, pegou em seis rãs que estavam escondidas nos restos da abó-

—«Oh! não minha boa Madrinha! Terei muito juízo e voltarei antes da meia noite»,—respondeu a menina, despedindo-se da fada e saltando radiante para dentro do coche, que imediatamente partiu a caminho do palácio rei.

Já não parecia a mesma, a *Gata Borralheira*. Dir-se ia ia agora,—tão linda estava,—uma encantadora aparição do Reino das Fadas!

Quando ela chegou ao palácio, já o filho do rei, a quem uma outra fada tinha prevenido da chegada da menina, estava á porta para a conduzir á sala do baile. Ele deu-lhe o braço e levou-a com todo o cuidado, por entre a turba dos convidados. Toda a gente abria alas para a ver passar, exclamando:

—«Como é bela! Quem será?»

E ficava sem resposta esta pergunta, porque ninguem sabia dizer quem era a formosa desconhecida...

O príncipe sentia-se já apaixonado, conduzindo-a, orgulhoso, através das salas do palácio. A *Gata Borralheira* viu logo as irmãs, que cumprimentou graciosamente, sem que elas pudessem, por sombras, imaginar quem era...

E quando ela ouviu, no grande relógio da torre do palácio, soar o quarto de hora antes da meia noite, logo se lembrou das palavras da Madrinha e levantando-se, despediu-se. O príncipe acompanhou-a até ao coche e dizendo-lhe, que no dia seguinte dava outro baile em sua honra, pediu-lhe que não faltasse. E ficou ainda á porta, a ver o carro desaparecer, veloz, ao longe, o coração a palpitar-lhe já de amor...

(Continua na última página)

LIÇÃO DE DESENHO



DESENHO PARA COLORIR

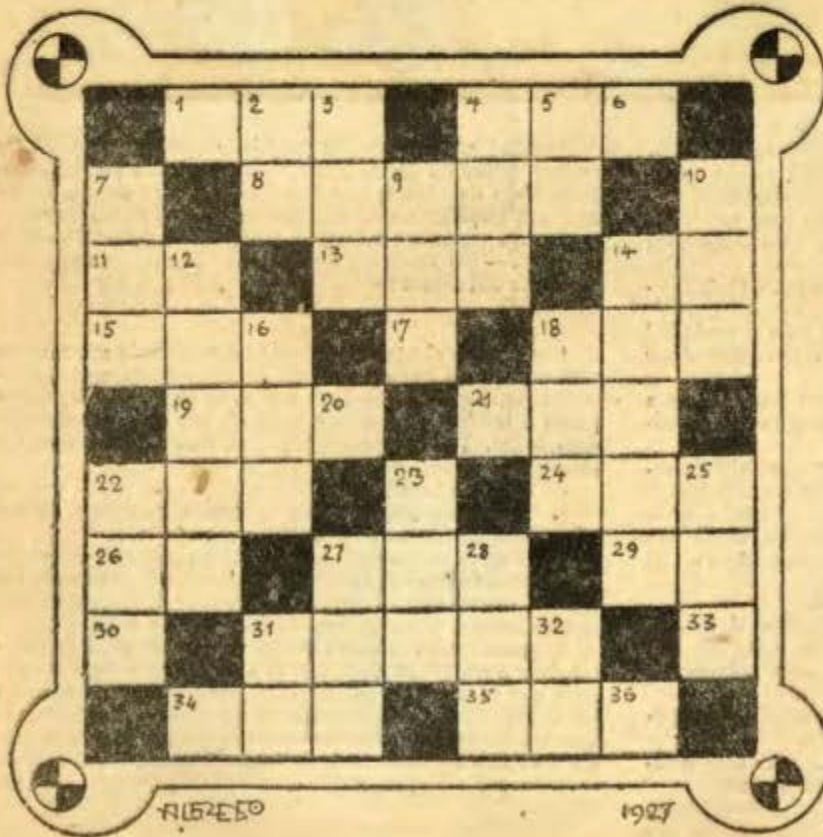
Palavras Crusadas

HORISONTAES;

1 — parente. 4 — pronome pessoal. 7 — consoante. 8 — fructo. 10 — consoante. 11 — preposição. 13 — especie animal. 14 — nota musical. 15 — divisão do tempo. 17 — vogal. 18 — o espaço. 19 — decreto. 21 — verbo. 22 — navio. 23 — consoante. 24 — numero. 26 — duas vogaes. 27 — oceano. 29 — interjeição de dor. 30 — consoante. 31 — serra portuguesa. 33 — vogal. 34 — material de construção. 35 — astro.

VERTICAES

1 — vogal. 2 — flexão do verbo ir. 3 — parte dos peixes. 4 — pronome pessoal. 5 — materia prima. 6 — vogal. 7 — adverbio de modo. 9 — mulher. 10 — cacete. 12 — fructo. 14 — lábia. 16 — pronome possessivo. 18 — numero. 20 — vogal. 21 — consoante. 22 — fructo. 23 — lareira. 25 — mulher. 27 — desgraça. 28 — animaes. 31 — que não é boa. 32 — duas vogaes. 34 — consoante. 35 — consoante.



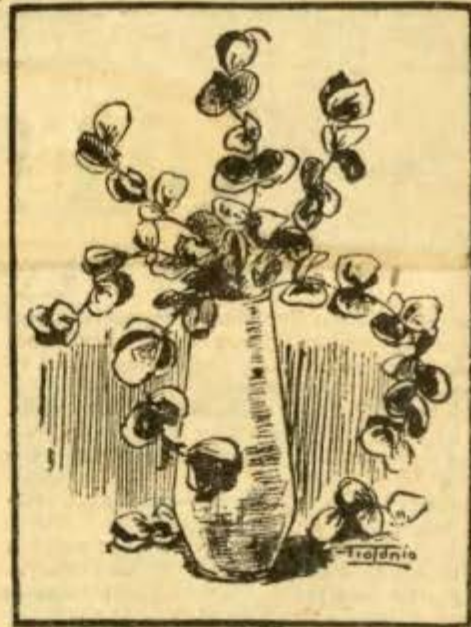
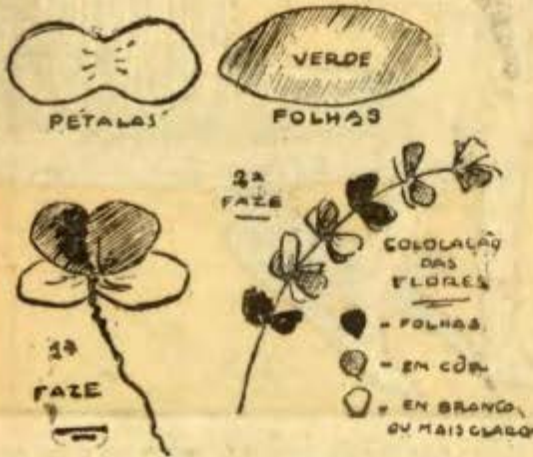
HORA DE RECREIO

FLORES DE PAPEL

«Sobrinhas» pequeninas:

Qualquer de vós pode fazer estas florinhas, que armadas em bouquet, são de um lindo efeito. Os materiais também são de fácil aquisição:
— Papel de seda em cores;
— Arame.

As flores são colocadas ao longo do arame, bem como folhas verdes, com um pequeno espaço entre si.



A ponta dos arames, que deverão ter 25 cm. de comprimento, pouco mais ou menos, são presas as primeiras flores, isto é, dois pedacitos de papel de seda, que na gravura estão designados por *pétalas*.

Interiormente fica a cor mais clara e por fora a mais escura.

As cores que melhor dizem são: lilaz e roxo, dois tons de amarelo, azul e branco e todas as que entenderem.

Rua do Século, 43

TioTônio

DORA E DANIEL

CONTO

NUM país distante, vivia um rei que tinha uma filha muito linda.

Na corte, havia um feiticeiro que tinha um filho tão mau como ele e cujo sonho dourado era casar com Dora (assim se chamava a princezinha). Porém, esta não gostava do filho do feiticeiro, porque, além de ser mau, era feio como um sapo.

O feiticeiro assim que isto soube, ficou furioso e resolveu encantar a pobre menina.

Mas a fada das águas, que era madrinha dela, quando Dora foi dar o seu passeio, apareceu-lhe, dizendo:

— «Minha filha, o feiticeiro quer perder-te e para que te não possa encantar, tens que ir hoje, ao dar a meia noite, ao lago azulado que existe no fim do parque, onde te banharas».

«Se hoje, à hora que te indico, te não banhares, ficarás encantada para sempre».

A princesa, à meia noite menos um quarto, saiu por uma porta de serviço e perdeu-se na escuridão da noite. Assim que chegou ao lago e ia para banhar-se, apareceu-lhe um dragão de aspecto terrível.

Dora recuou assustada, mas lembrando-se das recomendações da fada, meteu-se na água rapidamente. No mesmo instante, viu o horrendo bicho transformar-se num elegante rapaz que lhe agradeceu a sua coragem, sem a qual estaria ainda encantado.

Dora perguntou-lhe, então, qual a razão porque estava ali e quem o tinha encantado.

— «Sou o príncipe Daniel e foi o feiticeiro do palácio que me encantou, por eu ter descoberto o segredo deste lago».

— E que segredo é esse?

— Quasi todos os dias eu vinha aqui ao meio dia e reparava que as águas do lago se tingiam de vermelho, ouvindo um gemido.

Intrigado fui ter com a boa fada das águas que, para satisfazer os meus desejos, me transformou em rã. Desta forma desci ao fundo do lago e vi uma enorme quantidade de bichos, das mais variadas espécies e, no meio deles, o feiticeiro, com um cutelo na mão.

Disse-me depois um sapo, que eram homens encantados e que o terrível feiticeiro matava todos os dias um para o seu almoço, sendo o sangue do infeliz que tingia as águas e os seus gemidos os que à superfície se ouviam.

Para desencantar os meus infelizes companheiros é preciso que a fada das águas dê um frasquinho com um elixir.

A princesa, que escutava embevecida, prontamente respondeu:

— Vou-lho pedir! Ela é minha madrinha e decerto me dá de boa vontade.

Na verdade a boa fada deu-lhe o que a afilhada lhe pedia. Pouco depois estava de volta com o frasco.

Desrochou-o e deitou o elixir na água.

Todos os bichos que ainda estavam vivos voltaram à forma primitiva, isto é, transformaram-se em homens e agradeceram à princesa ter-lhes salvo a vida, pois o feiticeiro ia-os matando um por um.

O príncipe Daniel, que estava muito reconhecido, pediu ao rei a mão da princesa Dora de quem já gostava imenso.

Dias depois casaram, sendo o feiticeiro e o filho mandados afogar, à ordem da boa fada das águas.



Entretanto, a *Gata Borracheira* regressava a casa e quando as irmãs voltaram, foram encontrá-la no canto costumado, entre as cinzas da lareira, como se ali tivesse permanecido toda a noite.

— «Ah! se visses!» — exclamou uma das irmãs, «Aquilo é que foi um baile! Estêve lá a princesa mais linda que tenho visto e que nos cumprimentou amavelmente a ambas...»

— «Ai sim? E quem era?» — perguntou, fingindo-se interessada, a *Gata Borracheira*.

— «Ninguém sabe! Toda a gente ficou com um enorme interesse e o Príncipe mais que ninguém...»

Mas não foi possível, porque ela desapareceu antes da meia noite, misteriosamente como tinha vindo!

— «Oh! Como eu gostaria também de a vêr! Levai-me amanhã convosco e emprestai-me um dos vestidos que usais aos Domingos, sim?»

— «Não estás boa! Empréstai-me os nossos vestidos? Tem jeito... Bailes e vestidos finos, não se fizeram para *gatas borracheiras*!»

Na noite seguinte, as duas irmãs voltaram ao baile. Logo que elas saíram, apareceu a boa Fada, que deu á *Gata Borracheira* um vestido ainda mais lindo do que o da noite anterior e uns novos sapatinhos de cristal, não se esquecendo de lhe recomendar á saída:

— «Olha se voltas á meia noite...»

O Príncipe esperava-a já impaciente, quando a *Gata Borracheira* chegou ao baile. E' que o seu amor por aquela formosa desconhecida era já bem grande, levando-o a não pensar e a não se interessar senão por ela! As horas pareciam voar, tão enlevados estavam um no outro...

Passavam os dois, de braço dado, nos jardins do Palácio, quando ela ouviu, na Torre, a primeira badalada da meia noite. Sem uma palavra de despedida, ela correu para a porta da rua. Exactamente quando ali chegava, o relógio acabava de dar a última badalada.

Imediatamente o seu rico vestido se transformou nos tristes farrapos da *Gata Borracheira*. E como o coche havia desaparecido, a menina teve de voltar a pé, pelo que chegou a casa muito cansada e cheia de frio. Reparou então, que num dos pés trazia ainda um sapatinho de cristal; o outro, talvez o tivesse perdido no jardim, na pressa da corrida.

Quando as irmãs regressaram, contaram á *Gata Borracheira*, de como a gentil Princesa tinha voltado mais bela ainda no seu vestido maravilhoso e da sua fuga inesperada, ao bater da meia noite, não sabendo ninguém para onde fóra ou quem seria... Como único vestígio da sua preciosa pessoa, deixara ficar a gentil Princezinha um minúsculo sapato de cristal, que do seu pé caíra, quando fugia. E mais contaram, que o Príncipe, muito triste com a sua fuga, apanhara o sapato, que guardara no bolso e em toda a noite não se cansou de mirar e remirar afagando-o nas mãos...

A *Gata Borracheira* não disse uma palavra e no dia seguinte voltou aos seus pesados trabalhos, humilde e resignada, como sempre.

Alguns dias depois, toda a gente viu um grupo de cortezãos percorrer as casas da cidade com um sapatinho de cristal nas mãos, dizendo que o Príncipe desejava que cada senhora o experimentasse e que casaria com aquela, a quem o sapato melhor servisse!

Todas o queriam calçar, mas verificavam, com máguá, que os seus pés eram grandes demais para tão pequeno sapatinho. E em nenhuma parte os cortezãos encontravam o sapato, que devia acamaradar com aquêle e que estava escondido no bolso do vestido velho da *Gata Borracheira*...

Por fim, já desanimados de procurar, foram bater á porta da casa das duas irmãs que também, em vão, se esforçaram por enfiar o pé no minúsculo sapato!

— «Deixem-me experimentar, a mim!» — exclamou do seu canto, a *Gata Borracheira*.

— «Tu?» — responderam ao mesmo tempo, as duas, com um riso de moça. «E julgas que o Príncipe quereria casar contigo?»

A *Gata Borracheira* sorriu-se e as irmãs não puderam impedir que um dos cortezãos experimentasse nela o sapato, visto o Príncipe ter ordenado que todas as raparigas da cidade, feias ou bonitas e de qualquer condição social, tentassem calçá-lo. E o próprio fidalgo, convidando-a a sentar-se, ajustou-lhe ao bonito e pequenino pé, o delicado sapatinho: — «Serve-lhe! Serve-lhe!» — gritou entusiasmado o cortezão.

Então, a *Gata Borracheira* tirou do bolso o outro sapato, que calçou e pôs-se em pé, diante de todos. Ao contacto daquêles mágicos sapatos todo o seu vestuário se transformou e ela apareceu, não já a pobre *Gata Borracheira* de há pouco, mas a linda e graciosa Princezinha do baile da corte!

As irmãs e a madrastra, muito vexadas diante dos fidalgos, pediam-lhe perdão do desamor com que sempre a haviam tratado e que esquecesse tudo. A *Gata Borracheira* beijou-as, dizendo:

— «Eu esqueço e perdoo tudo, mas espero que de hoje em diante haveis de amar-me sempre!»

Partiu depois para o Palácio do Rei, a quem contou, e ao Príncipe, toda a história da sua vida. O Príncipe, que achou a *Gata Borracheira* ainda mais formosa que nas noites dos bailes, quis logo casar com ela, ao que o velho Rei anuiu.

Casaram e viveram largos anos, felizes e contentes.

(TRADUÇÃO DO INGLEZ)